



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CÂMPUS VI  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

**FÁGNER DE OLIVEIRA SANTOS**

**A POESIA DAS CAPOEIRAS:  
UM ESTUDO DA OBRA DE REGINALDO DE CARVALHO**

**MONTEIRO-PB  
2014**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CÂMPUS VI  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS

**FÁGNER DE OLIVEIRA SANTOS**

**A POESIA DAS CAPOEIRAS:  
UM ESTUDO DA OBRA DE REGINALDO DE CARVALHO**

Monografia apresentada, sob a orientação do professor Dr. Marcelo Medeiros da Silva, ao Curso de Especialização em Estudo Linguísticos e Literários, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Especialista.

**MONTEIRO-PB  
2014**

S237p Santos, Fágner de Oliveira  
A poesia das capoeiras [manuscrito] : um estudo da obra de  
Reginaldo de Carvalho / Fágner De Oliveira Santos. - 2014.  
46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos  
Linguísticos e Literários) - Universidade Estadual da Paraíba,  
Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Letras".

1. Memória 2. Identidade 3. Poesia Popular. I. Título.

21. ed. CDD B869.1

**FÁGNER DE OLIVEIRA SANTOS**

**A POESIA DAS CAPOEIRAS:  
UM ESTUDO DA OBRA DE REGINALDO DE CARVALHO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Linguísticos e Literários, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Especialista.

Aprovado em 30 de setembro de 2014

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva**

**Orientador/UEPB**



---

**Prof. Me. Adelson da Silva Tavares**

**Examinador/UEPB**

À Marinalva, pelo dom da vida,  
e Sophia, pela nova inspiração.

## AGRADEDIMENTOS

À minha família, pelo ininterrupto apoio.

À minha esposa Sandreane, pelo amor, fidelidade e resignação diante da difícil tarefa de conviver diariamente comigo.

À pequena Sophia, pela constante inspiração e motivação para continuar evoluindo.

À família Carvalho, em especial Rejane Carvalho, pela disponibilidade e confiança em ceder os textos manuscritos do saudoso poeta Reginaldo para que pudéssemos realizar nossa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Marcelo Medeiros, pelas orientações, ensinamentos e ironias (não necessariamente nesta ordem) que muito me ajudaram a crescer pessoal e profissionalmente.

Ao amigo Rennê Cruz, pela ajuda no trabalho de digitalização dos cadernos poéticos de Reginaldo.

Aos professores do Curso de Especialização, pelos conhecimentos e inquietações.

Aos professores da Banca Examinadora, por aceitarem participar deste “rito de passagem”.

Aos colegas de turma, por dividirem comigo cada momento memorável do nosso curso, como o prazer de fazer uma monografia.

Aos demais professores e funcionários do Campus VI da UEPB, pelo profissionalismo.

Ao amigo Maelby Muniz, pelas sugestões, críticas e inúmeras “trollagens”.

E, finalmente, à soberaníssima força do universo, pelo constante crescimento advindo da eterna dúvida sobre sua existência.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto a análise da obra poética de Reginaldo de Carvalho, poeta conhecido por seus admiradores como Reginaldo das Capoeiras. O autor estudado desenvolveu, durante toda a sua vida, uma extensa produção poética que, até então, nunca foi publicada. Tendo total acesso ao acervo documental da família do autor, através de uma pesquisa bibliográfica e histórica, esta pesquisa utiliza-se dos inúmeros cadernos de poesia do autor para, a partir da leitura e análise do material colhido, e dentro do tema da literatura popular, em especial o regionalismo, proporcionar um resgate de uma poesia olvidada pelo tempo e pelo anonimato. As questões de pesquisa aqui presentes são resultantes de uma problematização voltada para o entendimento de como o autor viveu e compreendeu seu tempo e fez dessa vivência matéria poética. Também se quer saber como se dá, em seus escritos, a aplicação do imaginário popular interligado ao plano estético-literário. Problematizando a produção memorialista e histórica do imaginário sertanejo presente no fazer poético de Reginaldo, analisamos o envolvimento da memória na produção literária feita. No intuito de valorização da literatura memorialista de autores desconhecidos pelo grande público, desenvolvemos um estudo analítico de alguns poemas-chave para entendermos as linhas de força da poesia de Reginaldo a partir dos estudos dos manuscritos deixados por ele e por nós cedidos pela família do poeta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, Identidade, Poesia Popular.

## **ABSTRACT**

This project focuses the presentation and analysis of the memoirist poetic work of Reginaldo de Carvalho, poet known to his admirers as Reginaldo das Capoeiras. The author studied, throughout their life, an extensive poetic production that, until then, was never published. Having full access to the documentary collection of the author's family, through a literature and historical research, this research utilizes the numerous author's poetry books for, from reading and analysis of the collected material, and within the theme of popular literature, especially regionalism, provide rescue a poetry forgotten by time and anonymity. The research questions presented here are the result of a problem-oriented to understanding of how the author lived and understood their time. Also want to know how is, in his writings, the application of popular imagination interconnected to the aesthetic-literary level. Questioning the memoirs and historical production of this imaginary countryman in making poetry of Reginaldo, we analyzed the involvement of memory in literary production made. In order to value the memoir literature of authors unknown to the general public, we develop an analytical study of some key poems to understand the different segments that production of the author is divided by we, from the collection, classification and study of the original books written poems, achieved with the family of the poet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memory, Identidad, Popular Poetry.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
MOTE UM: .....	13
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE JÁ CONSTRUÍDA.....	13
MOTE DOIS: .....	24
INSPIRAÇÕES LÍRICO-AMOROSAS DE (E PARA) UM VELHO POETA .....	24
MOTE TRÊS:.....	32
(TRISTES) RECORDAÇÕES DE UM POETA VELHO .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	43
REFERÊNCIAS .....	45
ANEXOS.....	47

## INTRODUÇÃO

Segundo Gilberto Mendonça Telles (1980), o estudo crítico do conhecimento popular, assim como de toda riqueza poética e/ou literária de um determinado povo, mesmo na segunda década do século XXI, ainda se mantém atrelado à ideia de que compete às instituições de ensino brasileiras o levantamento do material regional, assim como sua interpretação e o seu relacionamento com o corpus já consagrado do que se denomina Literatura Brasileira. O processo de compreensão da cultura brasileira, sobretudo de nossa literatura, não sendo feito de acordo com contemporâneas conjecturas literárias, faz com que a ligação entre universalidade e os fenômenos da cultura nacional e/ou regionais percam o seu lugar de aderência.

Nesse sentido, não é possível deixar de lado a reflexão sobre a produção local com vistas ao levantamento de autores, autoras e obras que não deixam de ser importantes para a compreensão da cultura de nosso país. Mesmo não pertencentes ao cânone, a relevância dessas obras e escritores, muitas vezes colocados à margem, pode incidir nos temas, imagens ou reflexões sobre o lugar que essas produções apresentam, mostrando formas diferentes de refletir a nossa cultura, possibilitando o desenvolvimento de um novo olhar sobre o nosso sistema literário a partir da comparação entre o material descoberto e o que já se tornou canônico em nossa historiografia literária.

Assim, compreender a contribuição artística e intelectual de toda uma produção que foi deixada de lado se mostra como uma obrigação para a universidade brasileira. Tal iniciativa que se faz mais do que necessário, ao trazer à tona obras, autores e autoras desconhecidos do grande público, podendo, finalmente, propiciar a reescritura de novos capítulos de nossa história literária, que por muito tempo fora escrita por uma minoria dominante e extremamente elitista.

Fixando-se nessa linha de resgate e de valorização da nossa memória e produção cultural, temos como objetivo principal desta pesquisa fazer um levantamento e apresentação da obra de Reginaldo de Carvalho, autor do cariri ocidental paraibano, discutir acerca de suas temáticas mais recorrentes e, mesmo que ainda timidamente, problematizar algumas questões referentes à construção da obra poética do autor, a fim de que este possa ser conhecido por um público maior e, assim, tenha a possibilidade de emergir do esquecimento em que se encontra.

Ainda que se afigure como um gesto tardio, voltar-se a escritores desconhecidos como Reginaldo, ler suas obras, analisá-las, (re)editá-las e oferecê-las a novos leitores é uma forma

de reparar a falta de reconhecimento que muitos poetas, igual a Reginaldo, tiveram quando vivos ou, em alguns casos, é ratificar o reconhecimento que, em vida, tiveram, mas que não foi o suficiente para resistir às densas camadas de silêncio que pairam sobre seus nomes e obras. Dessa forma, nosso gesto está movido por um único sentimento: o reconhecimento do valor da produção de artistas com a importância de Reginaldo para a nossa cultura.

Assim, dentro deste empreendimento de resgate de importantes nomes no cenário cultural paraibano, descobrimos, em oportuno momento, a obra de Reginaldo das Carvalho, um desconhecido poeta notável, se assim podemos chamá-lo em virtude de não ter nenhum livro publicado até o presente momento, mas que se estabelece como um dos vários autores que construíram ao longo de suas vidas obras significativas *em* e *sobre* a região em que esteve inserido em toda sua vida.

A primeira inquietação ao começar este trabalho foi justamente fazer uma apresentação do poeta Reginaldo, despercebido do grande público e da crítica literária. Graças a um longo trabalho inicial de digitalização e fotocópia de manuscritos, com a ajuda da família do autor que gentilmente cedeu todos os cadernos originais que o poeta escrevera em vida, pudemos fazer a recuperação de quase todo o material produzido. A segunda inquietação nossa foi, então, selecionar, analisar e discutir a obra do poeta, tendo ainda como suporte os processos de produção disponíveis nas anotações de rascunhos, entrevista e depoimentos do autor.

Como a poesia de Reginaldo se estabelece sendo fruto de um processo extenso de criação que atravessou toda a vida do autor, através de anotações e *insights* poéticos, pautados muitas vezes em função de registros históricos e/ou memorialistas, de valores ideológicos e constituídos em um espaço rural, tomamos como referência, para nosso estudo e análise, obras como *Memória e identidade*, de Jöel Candau (2012); *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricœur (2007), e *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi (1994). Importante nota que, utilizando as considerações existentes por estes autores, em especiais as presentes no cânone de Candau, como guia para esta pesquisa, não faremos uso, neste trabalho, de abordagens existentes em áreas como História, Sociologia, Antropologia, Psicologia e afins, para a conceitos de Memória, Identidade, Cultura etc.

Quanto aos poemas selecionados de Reginaldo, tomamos como referência os poemas que foram escritos durante dois períodos distintos: sua vida adulta antes e depois do diagnóstico de Alzheimer, doença que influenciara bastante a trajetória poética; e sua velhice antes e depois do falecimento de sua esposa Mena, momento em que sua produção memorialista torna-se mais intensa e melancólica.

Dentre os quase 20 cadernos de manuscritos aos quais tivemos acesso, encontramos muitos rascunhos de poemas de Reginaldo que não estavam completos, sendo muitos repetidos no decorrer de alguns cadernos e sofrendo alterações por parte do autor. Acreditamos que essas modificações, ora em apenas algumas palavras, outras vezes em versos inteiros, são fruto das análises e correções feitas pelo autor, com ajuda dos entes mais próximos ou mesmo da sua evolução como poeta. Optamos por evidenciar aqui as versões mais recentes, até onde pudemos perceber, de cada poema.

Todos os textos aqui analisados permaneciam, até então, inéditos. Sendo este nosso trabalho, de fato, a primeira pesquisa a estudar e fazer uma abordagem crítica acerca da obra de Reginaldo de Carvalho cuja produção poética separamos em três segmentos distintos. No primeiro deles, a que chamamos de *poesia de identidade*, analisado na primeira parte desta pesquisa, podemos observar o trabalho de registro telúrico da história, identidade e cultura existente no universo, particularmente rural, no qual o poeta insere-se como sujeito participante.

O segundo segmento, que denominamos *poesia lírico-amorosa*, analisado no segundo capítulo deste trabalho, encontramos poemas dedicados à expressão dos sentimentos e/ou exaltação da figura feminina.

Por último, presente na terceira parte, ponderamos acerca do período de criação que chamamos de *poesia de recordação e esquecimento*, em que temos, por parte do poeta, um trabalho de resgate, preservação e até mesmo análise das experiências biográficas, rememoradas e registradas nos anos finais da vida, quando a presença dos males advindos do Alzheimer começara a ser mais recorrente e se agravava com a perda da esposa.

Como era de seu costume, o poeta não dava título a suas produções. Sendo assim, uma vez que quase todos os poemas são identificados pelos motes, estes estarão nem negrito, neste trabalho, para melhor reconhecimento. Entretanto, Reginaldo sempre deixava, antes de cada composição escrita, uma pequena nota explicativa, com data e condições que o levaram a produzir o poema em si. Assim sendo, levamos em consideração, como critério classificatório, os poemas em que Reginaldo mais deixou registros e impressões. A partir das leituras dos poemas, procedemos com a seleção do *corpus* a ser analisado, sendo escolhidos os poemas e classificados a partir de três categorias mencionadas anteriormente.

Diante do exposto, somos cientes das dificuldades enfrentadas ao se trabalhar com um *corpus* que abre várias possibilidades de interpretação, contudo pretendemos chegar ao final desta pesquisa podendo apresentar um resultado que sirva como fonte para entendimento,

divulgação e valorização da poesia popular, em especial a nordestina, a partir da apresentação e representação cultural nos poemas de Reginaldo de Carvalho.

Finalmente, esperamos que este seja apenas o primeiro de muitos estudos acadêmicos sobre o poeta Reginaldo. Uma vez que muitos de seus poemas ficaram de fora deste trabalho, acreditamos que ainda existam várias composições de sua autoria que mereçam o olhar analítico de estudos futuros, assim como várias questões a serem consideradas para tanto.

MOTE UM:<sup>1</sup>

## CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE JÁ CONSTRUÍDA

Sustentados pelo conceito que implica um projeto pedagógico, de aspecto bastante iluminista, imperativo à constituição de uma nação unissonante, vários pensadores latino-americanos, participantes do processo de modernização, erguem diante da sociedade a ideia de descoberta e valorização de uma *cultura popular* que, segundo seus articuladores, é necessário para sustentação de uma identidade das diversas comunidades típicas de determinadas regiões. Herdeiros dessa “luta pela sobrevivência da cultura popular”, os poetas populares nordestino ateam a bandeira do regionalismo e preservação do caráter. A posição de Rachel Esteves Lima (2010) nos ajuda na compreensão destas assertivas.

Gestada a nação no século XIX, no século XX busca-se assegurar-lhe, via ideologia do legado, a “unidade espiritual”, traduzida por um repertório de símbolos discursivamente criados pela intelectualidade. Cabe aos homens de letras minimizar a “sensação de desenraizamento” que acompanha desde o início da colonização os nativos americanos, inventando uma tradição que constitui uma narrativa desistoricizada pela evolução de um retorno às origens arcaicas, pré-modernas, seja através do elogio da herança cultural latina (LIMA, 2010, p. 242).

O conceito de “lugar” como elemento crucial para construção da identidade pode ser evidenciado em várias narrativas de identidade. Segundo afirma Santiago Castro-Gómez, citado por Rachel Lima (2010), em maior ou menor grau, tais narrativas apresentam em comum, dentre outros aspectos, os seguintes elementos:

A ideia de que o “mal” se encontra fora da nação; a postulação de uma especificidade cultural; o recurso ao popular como instância legitimadora da verdade; a invocação do sentimento religioso e do messianismo político; a exaltação do paternalismo intelectual e da liderança carismática; o culto aos heróis; a oposição radical entre o autêntico e o estrangeiro (LIMA, 2010, p. 242).

---

<sup>1</sup> A palavra “capítulo” foi intencionalmente substituída em todas as partes deste trabalho. Compreendendo “mote” como palavra ou sentença que resume um ideal e, sendo este um trabalho cujo objetivo é apresentar e discutir um poeta popular, entendemos que a troca, neste caso, ao passo que não agride à formal estrutura do texto científico, faz uma singela homenagem à poesia popular nordestina.

Neste cenário, Reginaldo de Carvalho, conhecido como *Reginaldo das Capoeiras* pelos que o tinham como poeta, configura-se, em sua prática poética, como autêntico representante de uma corrente defensora de uma poesia marcada por temas relativos à exaltação do lugar de origem rural, assim como das atividades típicas e tradições exercidas pelos seus habitantes.

Defensor consciente e apaixonado pelas raízes culturais de sua terra, em certo momento de sua vida, Reginaldo teve sua identidade caririzeira construída e subsidiada pela aproximação com a poesia popular, confrontada com o universo acadêmico, de certo modo, imposto por seu pai, Pedro Mariano, que fez questão de enviá-lo ao Recife para que pudesse ser “Doutor”. Nos seus primeiros textos, Reginaldo recorda passagens de sua vida, assim como também escreve sobre si mesmo, apontando inclusive a data de seu nascimento, diferente da registrada em seus documentos, e suas preferências sobre a vida de vaqueiro:

I

Nasci em sessenta e oito  
 À vinte e um de Janeiro  
 Na fazenda Capoeiras  
 Município de Monteiro  
 O gado é quem me distrai  
 Amo a mãe e pai  
 E o meu cavalo Sinjeiro

II

Admiro muito um vaqueiro  
 Mais breve estarei formado  
 Se Deus quiser vou ser médico  
 Ou pro outro advogado  
 Mas, mamãe, me compreenda  
 Eu adoro uma fazenda  
 E um reboiço de gado

O jovem estudante nunca escondera de ninguém a afinidade com a cultura sertaneja e, em especial, por vaquejada e gado. Não demorou muito para que o poeta, boêmio em sua mocidade, retornasse de vez para sua terra natal. Inspiração para outro poema autobiográfico:

Me criei no sol quente do sertão  
 Me ausentei poucos dias pra estudar  
 Depois vi que era perdido tentar  
 Regressei outra vez à região  
 Correr boi, campear, vestir gibão  
 Penetrar dentro mato grosso e fino  
 Sempre fiz desde o tempo de menino  
 E a fazenda foi sempre a Capoeiras

**Sinto o cheiro da casca da madeira  
No gibão do vaqueiro nordestino**

Nascido em 20 de maio de 1937, na fazenda Capoeiras, zona rural do município de Monteiro, em sua primeira fase artística, Reginaldo de Carvalho constituiu sua produção poética a partir dos elementos existentes no seu cotidiano. Os fatos, marcantes na trajetória de vida do poeta, funcionam como inspiração poética, configurando-se não apenas pelos poemas, mas pelos comentários escritos, apontando o contexto em que cada poema foi escrito, um verdadeiro registro histórico do lugar a partir de sua percepção.

Em um determinado caderno, Reginaldo escreve:

*“Morreu pai, 17 de maio de 1977. Reuniu-se os amigos, o enterro foi na fazenda, às 5 horas da tarde. Às 4:30 voltava da bebida a vacaria dele e eu. As vacas estavam na porteira do curral dele quando chega Didi de Abelardo e me encontra chorando. Ele também chorando me disse: “Fazem 30 dias que meu pai morreu, e pra esta hora o mote é o seguinte: olha o gado berrando, tendo saudade do dono”.*

Abaixo do texto explicativo, temos o poema escrito e datado:

17 foi o dia  
Que eu tive mais saudade  
Principalmente de tarde  
Minha maior agonia  
Me vali de poesia  
Fiz um verso nem sei como  
Na hora do abandono  
Quando pai iam levando  
**Olhei o gado berrando**  
**Tendo saudade do dono**

Muito mais do que registrar a data do evento do falecimento da morte do pai e seu sentimento de saudade e tristeza, o poeta, ao afirmar “Me vali de poesia”, revela algo que o acompanhará por toda sua vida: o uso da poesia como válvula de escape para suas dores.

Em outro poema escrito na mesma época, conforme explica o poeta, com mote dado pelo amigo Jonildo Torres, o sentimento de incompletude é descrito a partir de um cenário de decadência que caíra, em determinada época, sobre a fazenda Capoeiras:

Vejo o alpendre pendendo  
E o curral quase caído  
O mourão apodrecido



O riacho também sedento  
 Eu mesmo já compreendo  
 Que tudo está na metade  
 Chega um alguém da cidade  
 Pergunta “Quede teu pai?”  
**Cada tijolo que cai**  
**Aumenta minha saudade**

Os versos “*Tudo está na metade/ chega um alguém da cidade/ pergunta ‘Quede teu pai?’*” devem ser destacados, pois representam bem o problema de uma fazenda sem a figura central do seu patriarca. A decadência que se abatera sobre a fazenda, apresentada no poema, é tema de várias obras literárias regionalistas que expõem o declínio de fazendas produtoras de cana-de-açúcar. Reginaldo, ainda que em um contexto dessemelhante, dialoga com essas obras. São relatos como estes que se configuram essenciais para o entendimento de uma parte da história do nordeste, e do Brasil.

Com a utilização dos poemas de Reginaldo como fonte para análises históricas, assume-se o texto poético, não apenas como fonte histórica, mas, sendo a poesia um tipo de obra que oferece a oportunidade de se encontrar representações diversificadas sobre a realidade e sobre a sociedade, configura-se também como uma fonte de representação de valores e ideários, uma vez que os discursos presentes nesses documentos não podem ser considerados neutros. Conforme argumenta Terry Eagleton (2005):

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio (EAGLETON, 2005, p. 184).

Neste momento, Reginaldo busca, nas lembranças de sua terra natal e amor ao ambiente campesino, a inspiração para compor uma obra já marcada pelo apego às raízes socioculturais de seu torrão:

Eu não imagino em S. Paulo  
 Nem saio de minha ribeira  
 Boto brocas, crio gado  
 Vivo de vacas leiteiras  
 Junto com Junior e com Pedro  
 Tá descoberto o segredo  
 Vou morrer nas Capoeiras

Nutrindo um profundo sentimento de completude com o sertão onde nascera e fora criado, Reginaldo representa não só uma visão particular do poeta caririzeiro, consciente de seu lugar e de sua força, mas também se configura como sujeito responsável por registrar em sua obra elementos característicos de sua época, sua cultura e sua forma pessoal de entender o mundo. É o que afirma Lima (2010), como sendo uma forma de assegurar, via ideologia do legado, uma “unidade espiritual” em torno do espaço social e cultura no qual o poeta está inserido, o qual é traduzido por um repertório de símbolos discursivamente criados e propagados em poemas, como é o caso dos primeiros dois versos – *Eu não imagino em São Paulo/ Nem saio de minha ribeira* – em que o apego ao lugar de origem é mais forte que as condições socioeconômicas existentes. Algo semelhante acontece em inúmeras produções artísticas de diversos poetas e compositores que compartilham dessa mesma visão de mundo, como por exemplo a letra da famosa música “Último pau-de-arara”, interpretada por Luiz Gonzaga, que diz “*Só deixo o meu cariri/ No último pau-de-arara*”.

Da mesma forma, o poema seguinte, escrito após uma grande chuva que caíra na fazenda Capoeiras, depois de um longo período de escassez, também se relaciona com diversas obras nordestinas que relatam as belezas da terra quando abençoadas com a chuva. Semelhante à “Volta da Asa Branca”, também interpretada por Luiz Gonzaga, que diz “Rios correndo/ As cachoeiras tão zoando/ Terra molhada/ Mato verde, que riqueza”, observa-se, na construção abaixo, toda uma descrição da fauna e da flora da fazenda Capoeiras, onde toda a família se reúne, com a participação de amigos e vizinhos, para o ritual de comemoração pela fartura e beleza trazida pela chuva:

### I

Já melhorou cem por cento  
 A chuva veio de primeira  
 Molhou minha Capoeira  
 Acabou o sofrimento  
 Parece que foi o vento  
 Que soprou tudo direito  
 E Deus mandou com respeito  
 É um prazer que me resta  
**O sertão da gente só presta**  
**Chovendo assim deste jeito**

### II

A turma toda pautando  
 O capim búfalo surgindo  
 A gente começa ouvindo  
 O cordunis apitando

O gado escamechando  
 O cavalo meu touro preto  
 Ai pergunta um sujeito:  
 “O senhor vai lazer festa?”  
**O sertão da gente sé presta**  
**Chovendo assim deste jeito**

## III

O xexéu canta primeiro  
 O campina e o canário  
 Anunciando o horário  
 De cima de um juazeiro  
 E eu de meu travesseiro  
 Me acorda satisfeito  
 Vendo o sol com seu direito  
 Clarear fazendo resta  
**O sertão da gente só presta**  
**Chovendo assim deste jeito**

## IV

Junior, Vando e Givaldo  
 Se acordam de madrugada  
 Pisando a terra molhada  
 Alegre e muito animado  
 Aí chega Leonardo  
 Em tudo quer dar um jeito  
 Veio dizer hoje no eito  
 Vou só até a testa  
**O sertão da gente só presta**  
**Chovendo assim deste jeito**

## V

A turma toda planta milho  
 Vê-se o tinir da inchada  
 Juntou-se a rapaziada  
 A mãe, o pai e o filho  
 Começa surgir o brilho  
 Do roçado a cada eito  
 Paz união e respeito  
 E da família a palestra  
**O sertão da gente só presta**  
**Chovendo assim deste jeito**

Inversamente proporcional à “Triste Partida”, de Patativa do Assaré, o poema narra as melhorias das condições de vida da comunidade em torno das Capoeiras. Vista por olhares desatentos, o poema pode parecer uma ingênua representação da fartura e a união familiar em

tempos de bonança. Todavia, podemos entendê-lo como uma ode à resistência sertaneja contra o êxodo do nordestino, tão peculiar durante meados do século XX, em situações de risco que Reginaldo testemunhou.

Outro momento histórico registrado por Reginaldo em seus cadernos aconteceu pouco depois da virada do século, na cidade de Monteiro, quando a administração municipal decidira reformar a praça João Pessoa, localizada no centro da cidade, vizinho à casa das filhas do poeta. O evento foi marcante, e em parte traumatizante para vários moradores, uma vez que o tradicional coreto que há décadas funcionava ali fora demolido. Reginaldo, numa notinha de rodapé, explica a situação e, datando o poema em 24 de maio de 2002, escreve:

I

Lá em casa eu ouvi dizendo  
 Foi a maior bagaceira  
 Uma nuvem de poeira  
 Que o chão ficou tremendo  
 Todo mundo ficou vendo  
 Só que ninguém reagiu  
 Eu senti, você sentiu  
 Aí me disse um senhor  
**Monteiro em peso chorou**  
**Quando o coreto caiu**

II

Pobre de Chico do bar  
 Sua mente está sentida  
 O seu único meio dia  
 Veio alguém só derrubar  
 Deus do céu vai lhe ajudar  
 Por tudo que ele sentiu  
 O seu corpo reagiu  
 E vai passar esta dor  
**Monteiro em peso chorou**  
**Quando o coreto caiu**

O poeta, ainda que de forma implícita, mostra-se partidário do grupo de moradores possuidores de princípios e condutas morais pautadas na ordem e no respeito às tradições, que se opuseram, em vão, à reforma da praça pública. Determinado por sua maneira de sentir e pensar, Reginaldo foi uma das centenas de pessoas que se entristeceu com a demolição do velho coreto. Na segunda estrofe, vemos seu comparecimento com o amigo Chico, que todos conheciam por “Chico do coreto”, principal vítima daquela destruição. Certamente, mesmo

recebendo motes, Reginaldo jamais construiria um poema que defendesse uma ideia que fosse de encontro a suas filosofias de vida.

Embora que desconhecido pela grande massa, Reginaldo era muito apreciado pelas pessoas que conheciam sua veia poética. Foi um poeta cujo público era composto pelas gentes simples, de seu convívio próximo. Não fizera saraus poéticos, nem fora poeta de acumular grande plateia. De fato, muitos dos seus conterrâneos desconheciam o fato de que ele era poeta, ainda que o conhecessem como pessoa atuante e bem quista na sociedade de sua época. Entretanto, para aqueles que o reconheciam como poeta, agradável era o prazer de poder usufruir de sua poesia. Dentre suas práticas mais recorrentes, e talvez a que melhor tenha contribuído com o fazer poética, era o costume de atender aos pedidos dos amigos que lhe davam algum tema ou mote para construção de poemas.

Analisando sua obra, pode-se afirmar que a maior parte de seus escritos advém de solicitações feitas por amigos, parentes e conhecidos. Em seus cadernos, acima dos poemas, o autor escreve a situação ou pessoa que fora inspiração para o poema: *“Aluízio foi para São Paulo, e comadre Muríta me pediu para fazer alguns versos com ele e seu cavalo Balanço”*. Reginaldo, grande apaixonado por cavalos e vaquejada – ao ponto de ter vários poemas feitos em homenagem a seus valiosos cavalos –, escreve um singelo poema em que o eu-lírico é o cavalo Balanço, fiel companheiro deixado para trás pelo dono retirante:

#### I

Eu vivo ali no açude  
 Onde não perdi meu brilho  
 Tenho banho e tenho milho  
 E tenho gozado saúde  
 Peço a Deus que isto não mude  
 Mesmo na época caçada  
 Vou te dizer camarada  
 Parece que vira saída  
**Balanço é quem te convida**  
**Pra ir uma vaquejada**

#### II

Meu dono está em São Paulo  
 Peço pra juntar dinheiro  
 Não se esqueça de Monteiro  
 Quem lhe pede é seu cavalo  
 Eu quero mesmo leva-lo  
 Para uma festa animada  
 Vê você com namorada  
 Conceição ou Margarida

**Balanço é quem lhe convida  
Pra ir numa vaquejada**

Nota-se que a voz do animal, muito mais do que apenas carinho e amizade pelo dono, expressa a visão de mundo e a súplica de que ficou. Como o cavalo, muitas mulheres, mães e filhos nordestinos testemunharam seus semelhantes partirem para outro lugar em busca de uma vida melhor. Forasteiros, essas pessoas dificilmente encontraram, em terras estranhas, os prazeres típicos que o cavalo Balanço assinala na segunda estrofe:

III

Um reboição de gado  
Uma sanfona tocando  
Um cabra bom aboiando  
Um aboio recantilado  
Um verso improvisado  
Ou, por outro, uma toada  
Uma morena aprumada  
Um adeus por despedida  
**Balanço é quem lhe convida  
Pra ir uma vaquejada**

Das muitas composições escritas em tributo aos cavalos da fazenda Capoeiras, destacamos uma das mais significativas, uma vez que é sobre dois dos cavalos mais queridos que o poeta já possuiu: “Ajato” e “Expresso”. O poema, além de narrar a saída dos animais para outra fazenda, eterniza os bichos pela beleza e atributos que possuíam:

I

Sentado numa calçada  
Para assistir a partida  
Porque toda despedida  
Só traz hora amargurada  
Fiquei sem dizer mais nada  
Porque vi que não convinha  
A sorte negra e mesquinha  
Me tirou toda vontade  
**Me deixando só saudade  
De dois cavalos que eu tinha**

II

Aí, olhei para um lado  
Quando a dupla passava  
Um olhava, o outro olhava  
Lembrando as festas de gado  
Escrevi do meu passado

Isto sem sair da linha  
 Disse a um camaradinha  
 Que também tinha amizade  
**Me ajude a sentir saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

### III

Quando os cavalos saíram  
 Do coxo para porteira  
 Olhei para minha couceira  
 Aí as lágrimas caíram  
 Meus filhos se reuniram  
 Foram chorar na cozinha  
 Eu disse a minha velhinha  
 Se tu me tens amizade  
**Me ajuda a sentir saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

### IV

Perdi a última esperança  
 Quando eles viajaram  
 Como lembrança deixaram  
 Seus retratos por lembrança  
 Eu fiquei como criança  
 Pedindo a quem ia ou vinha  
 Gente de casa ou vizinha  
 De minha propriedade  
**Me ajude a sentir saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

### V

Num soluço derramado  
 Eu olhava pra Ajato  
 Bom na pista, bom no mato  
 Vaquejava atrás do gado  
 Expresso, triste, encostado  
 Nesta hora o carro vinha  
 Disse a uma comadre minha  
 Comadre, por caridade,  
**Me ajude a sentir saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

### VI

Foram embora na rodagem  
 Da fazenda Capoeiras  
 Passaram as últimas porteiras  
 E prosseguiram viagem  
 O sino bateu mensagem

Na torre da Capelinha  
 Seis horas quem rezava vinha  
 Eu pedia, por bondade,  
**Me ajude a sentir saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

## VII

De manhã fui a Monteiro  
 Quase me embebedo lá  
 Recordando Jatobá  
 Carnaúba, Marmeleiro  
 Zé Paulinho, meu parceiro,  
 A mesma dor lhe espezinha  
 Roupa dele, sela minha,  
 Confiança e liberdade  
**É que mais sente saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

## VIII

Disse a Firmo Batista  
 Pra quem sempre digo verso  
 Que fui o dono da pista  
 Com Ajato e com Expresso  
 Fiquei sem os meus cavalos  
 Errei em negocia-los  
 Mas com vontade eu já vinha  
 Vendi, matei a vontade  
**Só não matei a saudade**  
**De dois cavalos que eu tinha**

Muito mais do que registrar em poemas momentos ou períodos de sua história e/ou do lugar onde está inserido, Reginaldo exerce um trabalho de afirmação ideológica, não apenas no que se refere ao seu posicionamento político, mas de defesa de suas ideias de preservação histórica, transformando algo que aos olhos desatentos poderia parecer corriqueiro – como a demolição de um velho coreto ou a saída de dois animais de uma fazenda – em uma afirmação identitária pessoal e coletiva. Uma lembrança, como um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito, passa por um trabalho de reflexão, localização e (re)significação. Do contrário, conforme adverte Bosi (1994), seria apenas uma imagem fugidia. Uma simples anotação em um caderno de rascunho. Contudo, a qualidade do fazer poético desenvolvido por Reginaldo, nesse primeiro segmento, ainda não alcançara seu vértice. O caráter memorialista, já evidenciado neste período de sua produção, só atingiria sua plenitude posteriormente, como veremos em seguida.



MOTE DOIS:

## INSPIRAÇÕES LÍRICO-AMOROSAS DE (E PARA) UM VELHO POETA

Fazendo uma análise das produções de cunho lírico-amorosa de Reginaldo, observamos que, da fortuna poética do poeta, esta seja a que mais recebeu apreciação dos que o conheciam como poeta e é onde a qualidade de sua obra mostra-se bem visível.

A figura da mulher, jamais esquecida pela poética de Reginaldo, mostra-se recorrente em muitas de suas produções. Nas periódicas solicitações feitas pelos amigos próximos, a exaltação da beleza feminina era um dos temas mais frequentes. A seguir, o poeta inicia explicando justamente um desses pedidos:

### I

Desconheço quem são meus inimigos  
 Com certeza não tenho até agora  
 A Jesus agradeço toda hora  
 Por livrar-me do mal e dos perigos  
 Entre muitas palestras com amigos  
 Certa vez um amigo disse a mim  
 O meu tema, poeta, eu quero assim  
 Atendendo o que diz meu coração  
**A mulher que é nascida no sertão**  
**Tem o cheiro da folha do alecrim**

Seguindo o poema, caracterizado pela presença de vários predicados, com idealização da mulher amada, associando-a com as maravilhas de um cenário campesino, Reginaldo tece versos em louvor da mulher nascida em solo sertanejo:

### II

É a dona do lar do camponês  
 Como mãe ou esposa é exemplar  
 Não existe quem tome o seu lugar  
 Todo tempo a mulher tem sua vez  
 É a rosa mais linda que Deus fez  
 E o mundo lhe serve de jardim  
 A mulher é começo, meio e fim  
 Do projeto de Deus, a conclusão  
**A mulher que é nascida no sertão**  
**Tem o cheiro da folha do alecrim**

## III

A mulher sertaneja além de bela  
 Tem a voz de sereia quando canta  
 Na candura e beleza é uma santa  
 E o perfume que tem no corpo dela  
 Deus tirou de uma flor e botou nela  
 Não da folha do pé de gergelim  
 Nem da folha do pé de amendoim  
 E tão pouco da folha de algodão  
**A mulher que é nascida no sertão**  
**Tem o cheiro da folha do alecrim**

Observa-se aqui que, em algumas partes do poema, a mulher é apresentada, não apenas como “dona do lar do camponês”, ou “exemplar mãe e esposa”, mas como produto final da criação divina – “Do projeto de Deus, a conclusão” – e, assim sendo, contendo atributos referendados pelo próprio divino (“o perfume que tem no corpo dela/ Deus tirou de uma flor e botou nela”).

Em outro poema, também em louvor da mulher, uma força divina também é utilizada, mais precisamente na segunda estrofe, para explicar a origem da beleza feminina:

## I

Cada um tem um motivo  
 E eu tenho o meu também  
 Eu adoro e quero bem  
 Eu amo e sou cativo  
 E meu maior lenitivo  
 Digo isto de coração  
 Vendia até meu colchão  
 Morava num pé de serra  
**E se mulher fosse terra**  
**Eu só dormia no chão**

## II

A mulher é uma flor  
 Do jardim da natureza  
 Eu acho a maior beleza  
 Que Jesus Cristo criou  
 Quando o homem a olhou  
 Sentiu logo uma paixão  
 Assim respondeu Adão:  
 Por ela eu morro na guerra  
**Se mulher fosse terra**  
**Eu só dormia no chão**

Analisando algumas dessas produções feitas a partir de pedidos de amigos, pode-se facilmente perceber que não encontramos, nesta parte de sua obra, elementos que espelham a vida pessoal do autor, nem tão pouco seu caráter mais subjetivo, por nós evidenciados em outros momentos deste trabalho. No entanto, a criatividade e espiritualidade de sua obra, neste ponto, são mais demonstradas. Uma vez que era bastante conhecido e apreciador de boas conversas, era fácil para o poeta das Capoeiras encontrar inspiração para escrever.

Exemplos não faltam. Segundo consta em um de seus cadernos, certa vez um velho amigo, residente em Sumé, o encontrara no mercado. Em meio à conversa, o sumeense lhe conta seus desencantamentos amorosos:

*“Reginaldo, eu enviuei. Tinha duas filhas, mas elas casaram e foram morar em Campina Grande. Então, fiquei eu sozinho, em um casarão em Sumé. Como companheiro, um gato que a finada criava. Certo dia, uma mulher morena, cabelos compridos, sobrancelhas bem feitas pela natureza, me disse: “Seu Mino, eu vou morar com o senhor”, e foi. Era muito limpa, carinhosa, muito quente... Vivemos seis meses muito bem até que um dia ela disse: “Mino, eu vou para São Paulo”. Eu disse: “Você não vai”, e aumentei o salário dela, que ainda passou mais dois meses. Um dia eu cheguei em casa e estava a cama bem forrada, e debaixo do travesseiro um bilhete: “Mino, eu fui para São Paulo. Me esqueça”. Ela com 25 anos e eu com 75 anos.”*

Baseado neste triste, e jocoso relato, Reginaldo recebe inspiração para compor um poema, cujo mote não se sabe se foi criado por ele ou se fora dado pelo personagem da história, o que para nós parece bem mais provável, uma vez que Reginaldo, de acordo com nossa percepção, pode ser adjetivado como um poeta “coleccionador de motes”. As décimas feitas, que tem como o mote *“Fiquei um cego de guia/ Jogado na solidão”*, apresentam um peculiar quadro de abandono e, mais uma vez, êxodo rural, comentado anteriormente. Reginaldo utiliza-se, mesmo em poemas líricos sobre histórias vividas por amigos, de construções que relatam as particularidades de sua gente:

I  
 Itapemirim ingrato  
 Assisti tua saída  
 Levando a minha querida  
 Me deixando no maltrato  
 Como lembrança, um retrato  
 Da minha grande ilusão  
 E a dor da recordação  
 Me aperreia e judia  
**Fiquei um cego de guia**  
**Jogado na solidão**

## II

Mulher desclassificada  
 Por que me maltrata tanto  
 Se o amor do homem é santo  
 Mas o teu não vale nada  
 Se hoje em dia és jogada  
 Vagando de mão em mão  
 Inda te dava um perdão  
 Para te ter outro dia  
**Fiquei um cego de guia**  
**Jogado na solidão**

## III

Quando em casa, estou sonhando  
 Porque nada me acalmava  
 Me deitava e me virava  
 O tempo todo pensando  
 Ouvia ela chamando  
 E me pedindo perdão  
 Aí mordi o colchão  
 No lugar que ela dormia  
**Fiquei um cego de guia**  
**Jogado na solidão**

Acreditamos que dificilmente alguma pessoa que já saiu, ou que testemunhou um ente querido sair de sua localidade, não se identificaria com este poema. Nota-se, no início do poema, que os versos “Itapemirim ingrato/ assisti sua partida/ Lavando minha querida” são de fácil reconhecimento e identificação. A composição, bonita pela expressão do sentimento de saudade e perda da companheira, torna-se ímpar ao relacionar isso com os motivos da partida.

Ainda no terreiro da saudade motivada pelo abandono, outra fonte de inspiração e/ou mote para Reginaldo foi um amigo, identificado em seus cadernos apenas como “Ernerto Marchante”, o qual, tendo um interesse amoroso seu também ido para São Paulo, pedira um poema sobre o evento. Atendendo à súplica, Reginaldo versa:

## I

Jogado no abandono  
 Eu me entreguei ao maltrato  
 Me lembro e olho o retrato  
 Da mulher que eu já fui dono  
 Magino e nem sei como  
 Este amor foi embora  
 Meu peito suspira e chora  
 De vê-la tenho vontade  
**Não há quem sinta saudade**  
**Do tanto que eu sinto agora**

## II

Ela foi para São Paulo  
 E eu fiquei no Monteiro  
 Vou virá um cachaceiro  
 Roendo e sentindo abalo  
 Em seu nome eu sempre falo  
 E lamento sua demora  
 E vejo que fui caipora  
 Igualmente um réu na grade  
**Não há quem sinta saudade**  
**Do tanto que eu sinto agora**

Todavia, no terreiro lírico-amoroso, Reginaldo não escrevia apenas inspirado na saudade alheia. Muitos textos seus foram dedicados a sua amada Mena, fiel e dedicada esposa. A ausência desta na fazenda Capoeiras, fosse por motivo de viagem para tratamento de saúde ou mesmo visitar familiares distantes, dera como fruto alguns dos poemas mais apaixonados de Reginaldo:

## I

Uma carroça quebrada  
 Um quarto pegando fogo  
 Um homem perdendo um jogo  
 E depois dando uma brigada  
 Uma roupa mal lavada  
 Numa bacia pequena  
 A vida de Madalena  
 Um menino no maltrato  
**É este o puro retrato**  
**De Capoeiras sem Mena**

O eu-lírico, que na primeira estrofe faz um belíssimo jogo de comparações análogas a cenas tristes (como “um quarto pegando fogo”), situações desconfortáveis (homem perdendo um jogo) e mesmo exemplos de existências de sofrimento (meninos abandonados, e a vida de Madalena, figura bíblica conhecida por chorar por sua biografia sofrível), segue, a partir da segunda estrofe, apresentando um verdadeiro panorama de tristeza e solidão baseado nas situações advindas da ausência da dona da casa:

## II

Uma casa mal varrida  
 A porta da frente aberta  
 E quem chega não desperta  
 Na entrada e na saída

Aquilo não intimida  
 “Ô de casa” não ordena  
 A comadre sente pena  
 Quando alguém quebrou um prato  
**É este o puro retrato**  
**Das Capoeiras sem Mena**

Por fim, o poema retrata uma situação muito vivida por Reginaldo: o momento de isolamento. Assim como qualquer poeta em processo de criação artística, o retratamento é usado para invocar a deusa da inspiração:

III  
 A televisão ligada  
 E no momento fatal  
 Alguém muda de canal  
 Pra uma novela afamada  
 Reginaldo vai pra calçada  
 Faz versos com Madalena  
 Quem chega e ver esta cena  
 Nota em tudo um maltrato  
**É este o puro retrato**  
**Das Capoeiras sem Mena**

O fazer poético como ferramenta para aliviar o sofrimento era algo bastante usado por Reginaldo. Prova disso é que, quando um amigo lhe pedira para compor algo com base em um determinado mote dado, ao terminar o poema, muitas vezes Reginaldo escrevia abaixo do texto “*Autor: este velho amigo que usa a poesia para espantar as contrariedades da vida*”. Assim, em muitos casos, é difícil perceber quando o texto é a expressão subjetiva dos reais sentimentos que o autor sente ou se representa apenas a força de um eu-lírico amargurado pela saudade da amada. Em algumas situações, as duas alternativas são verdadeira, como é o caso o poemas abaixo:

I  
 Tenho estado bastante aperreado  
 Nunca mais consegui ter um prazer  
 Minha vida tem sido pra sofrer  
 Recordando as coisas do passado  
 Hoje vejo que o homem apaixonado  
 A lembrança é quem mais lhe desmantela  
 Hoje em dia só sou seu sentinela  
 Tudo isso acredite que é verdade  
**Eu fumando o cigarro da saudade**  
**E a fumaça escrevendo o nome dela**

Enquanto a primeira estrofe, segundo o autor escreve em nota, fora feita tendo como influência a ausência de Mena, a qual viajara com sua filha Rejane, a segunda atende ao pedido feito por um amigo identificado como Fábio de Osanã, que lhe dera o mote e encomendara os decassílabos. Reginaldo, que no início expõe parte de sua saudade e lembranças, descreve, na segunda parte do poema, o sofrimento do amigo:

## II

Estou certo que ela não me quer  
 Mas também não consigo lhe esquecer  
 Minha vida tem sido pra sofrer  
 Só pensando, acredite se quiser  
 Mas lhe peço, na hora que puder  
 Volte a ser meu amor, minha donzela  
 Sem você minha vida é amarela  
 Sem amor, sem carinho ou amizade  
**Eu fumando o cigarro da saudade**  
**E a fumaça escrevendo o nome dela**

Porém, quando se fala em saudade, nenhuma foi tão forte e marcante para o poeta das Capoeiras quanto a definitiva ausência de Mena. No poema a seguir, escrito pouco depois da partida dela para a eternidade, vemos a síntese de todo o espírito poético da terceira fase da poesia de Reginaldo, que chamamos *poesia de recordação e esquecimento*:

Três quartos de minha vida  
 Eu considero perdido  
 Jamais serei esquecido  
 De uma pessoa querida  
 Que na hora da partida  
 Não me prometeu voltar  
 Talvez teja a me olhar  
 De lá da eternidade  
**Por isso sinto saudade**  
**E canto pra não chorar**

O poeta, que nos anos iniciais de sua velhice já sofria de pequenas complicações advindas do Alzheimer que lentamente lhe roubara a clareza de sua mente brilhante, termina, com a morte de sua esposa, entregando-se inteiramente sua poética ao tema *saudade*. Sendo ela, a saudade, entendida como esse sentimento melancólico devido ao afastamento de uma pessoa, uma coisa ou um lugar, ou à ausência de experiências prazerosas já vividas, Reginaldo

passa a escrever apenas sobre suas memórias de vida. Lutando contra a dor da saudade e do esquecimento, ele produz, incessantemente, uma poesia para não deixar-se esquecer de si mesmo. Recorrer à poesia para amenização da dor nunca fora tão necessário para alguém. Os pedidos feitos pelos amigos, que nunca cessaram, é preciso deixar claro, agora tiveram um direcionamento particular. Não só as inspiração de Reginaldo ficaram mais particulares à dor sentida, mas os motes dados *para* o poeta se inspirar também tiveram, a partir de então, um novo posicionamento. O poeta das Capoeiras, entrando agora em sua fase mais memorialista, subjetiva e autoanalítica, chega ao seu apogeu poético.



MOTE TRÊS:

(TRISTES) RECORDAÇÕES DE UM POETA VELHO

Uma questão que deve ser novamente apontada é que, mesmo em sua juvenília, memória e saudade eram temáticas fortemente presentes no fazer poético de Reginaldo. Mesmo nos poemas que têm temática telúrica existe um indissociável entrecruzamento entre os aspectos identitários<sup>2</sup> e tudo o que se refere à memória subjetiva.

Anne Muxel, citada por Jöel Candau (2012, p.19), diz que o trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito, é “o trabalho de reaproximação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade”. De fato, a o caráter identitário apresentado nos poemas de primeira fase de Reginaldo se entrelaça, indissociável, com as memórias recolhidas e escolhidas pelo autor, uma vez que, diferente de um registro histórico e documental, a memória não tem, nem pode ser exigido que tenha, a responsabilidade de ser fiel ao fato acontecido, conforme também lembra Paul Ricœur:

Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado; desse ponto de vista, as deficiências procedentes do esquecimento [...] não devem ser tratados de imediato como formas patológicas, como disfunções, mas como o avesso de sombra da região iluminada da memória, que nos liga ao que se passou antes que o transformássemos em memória (RICŒUR, 2007, p. 40).

A memória apresentada nos poemas de Reginaldo é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento. Conforme explica Candau (2012), é uma evocação deliberada ou invocação de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimento, etc), feita igualmente de esquecimento, podendo beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da expansão da memória (CANDAU, 2012, p. 23). O autor explica:

A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajuda-lo a encarar sua vida presente (CANDAU, 2012, p. 15).

---

<sup>2</sup> Compreendendo “identitário”, como tudo que diz respeito a identidade, e esta como um estado psíquico e social construído pelos sujeitos a partir da memória, seguimos o entendimento, com base nas concepções de Jöel Candau (2012), de que os *aspectos identitários* aqui citados são aqueles que ajudam a definir, caracterizar, estabelecer e desenvolver uma forma particular de percepção do indivíduo e da realidade em seu entorno.

Certamente, em muitos de seus poemas, a memória de Reginaldo, ao mesmo tempo em que modela sua poética, é também modelada pelo poeta, o que sintetiza perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se sustentam reciprocamente, amparando-se uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, uma narrativa. Perdido, no labirinto da recordação, muitas foram as tardes em que, sentado à frente da capela da fazenda, lugar onde fora sepultados os pais, Reginaldo escrevia suas tristes lembranças:

## I

Verti lágrima sentida  
 Quando vi minha mãe morta  
 Verdadeira flor da horta  
 Do jardim da minha vida  
 Fez a última partida  
 Para o mundo dos finados  
 E os bem-aventurados  
 Têm eles como uma prenda  
**Na capela da fazenda**  
**Meus pais estão sepultado**

## II

Hoje nesta sepultura  
 Apenas restam os ossos  
 Pois todos os pecados nossos  
 Terminam nesta amargura  
 Numa cova funda e escura  
 Onde se paga os pecados  
 Iremos ser perdoados  
 Que a vida é só uma lenda  
**Na capela da fazenda**  
**Meus pais estão sepultados**

## III

Este túmulo é o jazigo  
 Onde o pensamento vai  
 É morada do meu pai  
 O meu verdadeiro amigo  
 A catacumba é o abrigo  
 Pra os ossos abandonados  
 Só restam os nomes gravados  
 Na cruz, que serve de agenda  
**Na capela da fazenda**  
**Meus pais estão sepultados**

No tocante às recordações de velho, Eclea Bosi (1994) afirma que a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. A memória permite a relação do corpo

presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (BOSI, 1994, p. 46-47).

Bosi retoma Henri Bergson ao afirmar que a lembrança é a sobrevivência do passado (BOSI, 1994, p. 53). O passado, inexorável no espírito do poeta amargurado, aflora no autor um melancólico espírito autocrítico, evidente na composição de imagens-lembrança presente em seu fazer poético:

### I

Fui ao quarto, o lugar que mãe dormia  
 Vi os troços e cama num maltrato  
 E na sala avistei o seu retrato  
 Junto a pai, que há tempo eu já não via  
 O meu peito se encheu de poesia  
 Ouvi pai chamando: Reginaldo,  
 Venha e fique perto do meu lado,  
 Atendi-lhe e me aproximei  
**A coruja cantou quando eu cheguei**  
**No oitão do casebre abandonado**

### II

Lá no quarto dos arreios vi a cela  
 O sapato, a perneira, o gibão  
 As esporas, a peia de pé e mão  
 Que na época piei muito com ela  
 O chocalho com marra de fivela  
 O cabresto inda tava ensebado  
 Tudo aquilo que eu tinha guardado  
 Num local no lugar inda encontrei  
**A coruja cantou quando eu cheguei**  
**No oitão do casebre abandonado**

### III

Lá na sala de janta eu vi o canto  
 Onde pai todo dia se sentava  
 E onde mãe toda hora me chamava  
 Pra jantar, “Venha cá, meu filho santo”  
 No momento avistei em outro canto  
 Numa sombra de um pau tava um arado  
 Uma enxada e um cabo de um machado  
 Que na época com eles trabalhei  
**A coruja cantou quando eu cheguei**  
**No oitão do casebre abandonado**

De fato, a posição de Ecléa Bosi nos ajuda bastante na compreensão dessas construções poético-memorialistas. Segundo a autora, o caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, fazendo referência a Maurice Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A lembrança, em suma, é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Por mais nítidas que pareçam as lembranças representadas por Reginaldo, acerca dos fatos antigos, biográficos e históricos de sua amada fazenda Capoeiras, essas lembranças não são as mesmas imagens que foram experimentadas pelo poeta em seu jovial tempo de deleites infantis ou amadurecimento adulto. O autor já não é o mesmo de outrora, nem tão pouco sua percepção se mantém igual. Alteraram-se também suas ideias e seus juízos de realidade e de valor. Percebe-se isso fazendo uma análise entre os poemas saudosistas da sua primeira fase em comparação com sua produção durante a velhice.

Não é possível negar que Reginaldo tenha sido apaixonado por cavalos. Os troféus na estante da fazenda Capoeiras são provas de seu fascínio por vaquejada e de sua identidade sertaneja<sup>3</sup>. Porém, é bem admissível que, em suas representações memoriais, essa identidade tenha sido bem melhor desenvolvida, aumentada e certamente recriada.

Se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, como as de Proust na *Busca do tempo perdido*, que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade (CANDAUI, 2012, p. 19).

No entardecer de sua vida, a natureza saudosista, advinda da velhice, torna-se única para o Reginaldo. Suas produções espelham o declínio do corpo e da mente diante da idade avançada. Em sua verve, muito mais do que apenas recordações, um profundo sentimento de lamento e angústia testemunham a derradeira fase do poeta das Capoeiras.

No final de sua fase de *poesia de recordação e esquecimento*, a faceta poética de Reginaldo assume contornos nostalgicamente tristes. Em seus escritos, frequentemente encontramos subjetivas análises acerca de sua própria vida, em contraposição ao tempo. O

---

<sup>3</sup> A “identidade sertaneja” aqui referenciada, reflete a figura do homem simples que, vivendo a partir de seu honesto trabalho, está diretamente ligado ao campo. No que se refere a Reginaldo, esse homem é o vaqueiro, figura que, sobretudo no início do século XX, configura-se como importante personagem típico, exercendo um importante trabalho junto aos grandes criadores de gado e ajudando na propagação de costume, crenças e comidas regionais.

poeta, alcançado o ápice de seu desenvolvimento poético-memorialista, produz, através de uma rotina diária de insulamento em suas lembranças, suas obras mais introspectivas:

## I

Eu pensando que ainda era menino  
 Nos arroubos de minha mocidade  
 No cassino do jogo da idade  
 Aluguei uma mesa no cassino  
 Com a bola e o taco do destino  
 Fui jogar com a idade já vencida  
 Mas nas últimas tacadas da partida  
 A idade vencida me venceu  
**A idade avançada interrompeu**  
**Os brilhantes ideais de minha vida**

Utilizando-se, neste poema, de uma metáfora muito feliz em sua construção, o poeta evidencia desengano a partir da constatação da juventude perdida e tardiamente percebida. O eu-lírico atormenta-se ao verificar que a idade configura-se como adversária sarcástica e cruel. Percebe-se esse jogo de poder mais claramente na segunda estrofe:

## II

Consultei a idade bem ligeiro  
 Na esperança da mesma me atender  
 Quando vi a idade me dizer  
 Em um tom sarcástico e grosseiro:  
 Sinto muito, meu velho companheiro,  
 Tu não podes comer toda comida  
 Saia de perto do copo de bebida”  
 Foi o último conselho que ela deu  
**A idade avançada interrompeu**  
**Os brilhantes ideais de minha vida**

Partindo do conhecimento de si, o poeta compõe uma relação íntima consigo mesmo e desenvolve, em cada estrofe, uma autoconstrução em que a memória se organiza como uma “reconstrução do passado”, ou seja, como representação da saudade, da recordação e da rememoração. Em cada estrofe, o poeta recupera uma série de recordações saudosistas, em especial dos gozos da juventude, segundo ele, destruídos pelos anos da velhice.

Organizado em versos decassílabos, estilo de construção de versos adotado pelos poetas repentistas, indissociável à escrita de Reginaldo, vemos, na derradeira estrofe, a reconstrução dos prazeres juvenis através da memória:

## III

Mocidade me deu pra eu gastar  
 Terra, casa, fazenda, pasto e gado  
 Muita grana, saúde em bom estado  
 Carro novo também pra passear  
 Na cidade uma casa pra morar  
 Bem no centro da praça da avenida  
 A velhice chegou arrependida  
 Tornou tudo que a mocidade deu  
**A idade avançada interrompeu**  
**Os brilhantes ideais de minha vida**

Além da reconstrução dos prazeres vividos, outro ponto a ser destacado é o aprendizado adquirido, colocados ainda que implicitamente em cada verso. Conforme argumenta o pensador Stuart-Hamilton (2002):

Uma das principais funções da memória não é lembrar o passado, mas planejar o futuro. Em parte, isso significa aprender com as próprias experiências e erros, a fim de lidar melhor com as situações quando elas surgirem da próxima vez. Isso pode ser considerado como parte da sabedoria/inteligência cristalizada (p.95-96).

Caracterizado por uma reminiscência discursiva que concerne a toda uma prática de si, Reginaldo não se prende exclusivamente à rememoração dos momentos passados. Além de rever sua trajetória de vida, com um olhar assentado na estrada da vida, o poeta analisa sua própria existência.

O olhar para si mesmo, além de trazer marcas de profundo pesar, evidencia, além do conhecimento adquirido, advindo de um processo de amadurecimento a partir da idade, uma peculiar consternação diante de sua fragilidade humana, principalmente quando esta está diante da insofismável diferença física entre indivíduos de gerações distintas. Em um poema, escrito logo depois de uma festividade familiar, Reginaldo confessa:

## I

Eu ouvindo e vendo vocês beber  
 E eu sozinho sem assunto adoentado  
 Recordando: fiz tudo no passado  
 Já bebi, já farei, tive prazer  
 Hoje em dia vejo tudo esmorecer  
 Se insisto, há uma parada dura  
 Eu já vejo minha vista toda escura  
 E aos poucos vai passando a vontade  
**Quem for novo aproveite a mocidade**  
**Que a velhice é um mal que não tem cura**

Vemos que, tanto na primeira como nas demais estrofes, o poeta sempre recorda que, quando jovem, também costumava se divertir e beber, mas o tempo para tal coisa já havia passado para ele. Seu conselho resume-se na máxima “*Carpe diem*”, de Horácio, que podemos traduzir como “colhe o dia” ou “aproveite o momento”:

## II

Vocês bebem, conversam, tomam cana  
 Com amigos, esperando o que vier  
 Comentando se esqueceram de mulher  
 Um assunto que ainda acho bacana  
 Pode ser Mariêta ou Diana  
 Sendo fêmea não exijo a criatura  
 Para o homem a mulher é escritura  
 É amor pra quem tem uma amizade  
**Quem for novo aproveite a mocidade**  
**Que a velhice é um mal que não tem cura**

## III

Já fui novo tive amigos, já bebi  
 Já amei, namorei, tive amores  
 Para mim, o meu mundo foi de flores  
 Este mundo, sendo novo, eu conheci  
 Passam os anos, mas eu não esqueci  
 Dos carinhos daquela criatura  
 E por isso num mar de amargura  
 Se procuro, não tenho mais idade  
**Quem for novo aproveite a mocidade**  
**Que a velhice a um mal que não tem cura**

Em outra composição, escrita em um período em que o poeta, estando se recuperando de uma cirurgia, teve que obedecer a uma rígida dieta alimentar imposta pelos médicos, Reginaldo desabafa a frustração ante a impotência de seu corpo diante da frágil saúde. Sendo privado de muitos dos deleites que a vida lhe oferecera quando jovem, e não restando muito para fazer além do que o conforto da poesia, volta a confessar:

## I

Perdi o gosto de tudo  
 Não tem mais animação  
 Pois esta tal de pressão  
 Tá me deixando miúdo  
 Como um menino sambudo  
 Que não sabe o que é que quer  
 Em um terreno qualquer  
 Que o destino lhe jogou

**Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.**

II

Depois de tá operado  
Num leito de um hospital  
Passei um momento mau  
Mena tava do meu lado  
Me dizendo, Reginaldo,  
Te animas, cria fé  
Chegando outra mulher  
Disse o senhor melhorou!  
**Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.**

III

Disse doutor Leonardo,  
Se você quiser viver,  
Tem de deixar de beber,  
E nunca mais correr gado,  
Não pode pegar pesado,  
Tem de andar muito a pé,  
Deixar de tomar café,  
E perder o que engordou,  
**Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.**

Por fim, um ponto importante a ser ressaltado é que, verificando os escritos originais do poema em questão, cedidos pela família do poeta para nosso estudo, verificamos que este fora feito numa época em que Reginaldo menos gozava de saúde física. Contudo, mesmo acamado, sua produção poética atingira um ritmo de produção mais intenso. O poeta, que outrora versejava sobre gado e terra, dedica-se somente à construção de uma poesia mais subjetiva e pessoal, mesmo sem deixar de lado sua eterna paixão por vaquejadas.

Como pode ser visto no texto anterior, elementos do seu cotidiano, como parentes, amigo, e até mesmo os médicos que o consultaram, passam a ser mais constantes em seus poemas. Vemos aqui três figuras que vão permear seus poemas: a figura de Mena, sua grande musa inspiradora, que tanto esteve presente na vida do poeta; e a figura do doutor, que neste caso é o um dos médicos responsáveis pelo regime que o poeta teve que passar durante seus últimos anos de vida; e, por fim, o regime. Regime, que o insensível dicionário trata apenas como um conjunto de prescrições qualitativas e quantitativas concernentes aos alimentos destinados a manter e/ou restabelecer a saúde, para Reginaldo travasse de uma verdadeira sentença, cujo principal objetivo era lembrar ao poeta de sua velhice.



Em mais uma construção poética, Reginaldo empenha-se em descrever os desgostos sofridos por quem, em lento declínio física e mental, vive à espera do último arrebol:

## I

Todo dia, mês e ano  
Nasce o dia e depois morre  
Da mesma maneira ocorre  
Com o frágil ser humano  
Por estar no imenso plano  
Não pode ser diferente  
Se acaba tão lentamente  
Que às vezes nem desconfia  
**Toda vez que morre o dia**  
**Morre um pedaço da gente**

## II

O dia só aparece  
Quando a noite vai embora  
E a noite surge na hora  
Que o dia desaparece  
Uma criança adoecer  
Toda vez que nasce um dente  
Toda vez que uma semente  
Nasce uma planta se cria  
**Toda vez que morre o dia**  
**Morre um pedaço da gente**

## III

A gente não se conforma  
Por mais esforço que faça  
Cada dia que se passa  
A matéria se reforma  
Cria rugas, sai de forma  
Caduca, fica demente  
Quem for útil e resistente  
Passa a não ter serventia  
**Toda vez que morre o dia**  
**Morre um pedaço da gente**

## IV

Dentro de casa se oculta  
Passear é proibido  
Quando faz este pedido  
Quem lhe nega ainda insulta  
Só sai pra fazer consulta  
No dia que está doente  
Se por ventura um parente

Quiser fazer companhia  
**Toda vez que morre o dia**  
**Morre um pedaço da gente**

## V

A gente não vai pra festa  
 Depois que chega a velhice  
 Lembrar o que fez ou disse  
 É só isso o que nos resta  
 Levar sempre a mão a testa  
 Toda vez que olhar pra frente  
 Quem fez discurso eloquente  
 Treme a fala ou balbucia  
**Toda vez que morre o dia**  
**Morre um pedaço da gente**

## VI

Da aurora a noite escura  
 O dia encerra seu curso  
 A gente faz um discurso  
 Do berço pra sepultura  
 Toda vez que o sol pendura  
 Sem raios para poente  
 O corpo da gente sente  
 Que tem mais pouca energia  
**Toda vez que morre o dia**  
**Morre um pedaço da gente**

Em toda a construção, um tocante jogo de comparações entre a vida humana e o ciclo que o sol faz todo dia é brilhantemente apresentado. O início “*Todo dia, mês e ano/Nasce o dia e depois morre/ Da mesma maneira ocorre/ Com o frágil ser humano*” abre a primeira estrofe, a qual discursa sobre a pequenez diante da sua natureza mortal. Relacionando características em comum, a segunda estrofe une “Criança” e “semente” em um mesmo campo semântico. A ideia de nascimento, crescimento, desenvolvimento e, por fim, a interrupção definitiva da vida de todo organismo vivo, presentes em todo o texto, mostra-se bastante evidente na parte que diz “*Cada dia que se passa/A matéria se reforma/Cria rugas, sai de forma/Caduca, fica demente*”. Reginaldo não se refere apenas a vida humana. Ele fala de si mesmo neste poema. As quartas e quintas estrofes, nesta perceptiva, podem ser entendidas, até certo ponto, como biográficas. Narram a frustração, e em certo ponto mágoa (*Quando faz este pedido/ Quem lhe nega ainda insulta*) de muitos idosos, presos em casa, debilitados e forçados a seguir regras e dietas médicas. Por fim, este poema espelha todo o espírito inerente à última fase da produção

poética de Reginaldo. Uma produção que, além de melancólica, apresenta característica essencialmente memorialista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra de Reginaldo de Carvalho, e ainda podendo ter acesso aos seus escritos originais, muitos deles datados e comentados pelo autor, para nós, sempre fora uma tarefa instigante. Se por um lado fomos estimulados a procurar conhecer sua vida e entender todos os sentimentos e emoções que o levaram a compor cada poema, e compreender a fundo o real significado de cada verso; podemos também analisar cada poema por si só, sem a necessidade de fazer um estudo biográfico sobre o autor. Em ambos os casos, sua poesia fascina a todos que se aventuram a conhecê-la.

Testemunhas insubordináveis do seu tempo, com disposição para apresentar a “verdade”, e se rebelarem contra todo oficialismo da história criada e reproduzida pela elite que, cegado por seus interesses, perde de vista a sacralidade do ser humano, poetas como Reginaldo infelizmente ainda configuram-se como desconhecidos, inclusive daqueles que lhe são conterrâneos. Verdadeiros representantes de suas realidades sociais, culturais e históricas, esses indivíduos usam do apontamento de suas obras para registrar as particularidades individuais e sociais em seu entorno. O poeta das Capoeiras, com sua poética identitária e memorialista, acentua sua forma de encarar sua identidade atual.

A paixão memorial pode revelar uma rejeição da representação que fazemos de nossa identidade atual, projetando no passado e, por vezes, ao mesmo tempo no futuro uma imagem que gostaríamos de ter sido, imagem obsessiva que nega as alterações e a perda, ou imagem alucinada da beleza do morto, construída a partir de arquivos, traços, monumentos, objetos, relíquias, ruínas e vestígios. (CANDAUI, 2012, p. 18).

Dessa forma, sendo a memória algo particular, uma vez que o que cada indivíduo guarda suas lembranças e percepções sobre passado de forma única, a representação dos elementos existentes na obra de Reginaldo pode ser entendida, em alguns aspectos, como reconstruções da realidade vivenciada pelo autor, que, paulatinamente, recria sua identidade em seus poemas, que funcionam como a forma como se descreve o passado está diretamente ligada à como o entendemos. Ricœur, dialogando com autores consagrados, aborda esta ideia:

Foi dito com Aristóteles, diz-se de novo mais enfaticamente com Santo Agostinho, a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado. É por esse traço que

a memória garante a continuidade temporal da pessoa (RICŒUR, 2007, p. 107).

A forma como se descreve o passado está diretamente ligada a como o entendemos. Assim, a memória poética de Reginaldo, além de ser instrumento de luta contra o Alzheimer, sendo uma forma de preservar e dar continuidade de sua pessoa, também é um mecanismo de afirmação ideológica.

Deixar poetas, a exemplo de Reginaldo de Carvalho, olvidados na estante do anonimato, sendo refém apenas da memória e reconhecimento familiar, é deixar-se perder todo mundos de ideias. Uma legião de poetas “descanonizados”, que não são apresentados, estudados e reconhecidos pela tarefa em exercem em suas sociedades, pois se dedicam ao papel simbólico da linguagem, na apreensão e expressão das paisagens humanas em que atuam, centrada em valores e crenças compartilhados com os seres que estiveram conectados as suas vidas, nesse jogo de presença visível ou imaginada.

Existem, ainda, muitos reginaldos perdidos. Como defendemos no início do trabalho, acreditamos ser dever da academia tentar resgatar o maior número possível de autores olvidados pela crítica especializada. Cientes de que este estudo ainda não contempla toda a complexidade de sua obra poética, pretendemos, futuramente desenvolver atividades de pesquisa acerca do referente autor.

Se até o momento ainda não foi possível fazer uma análise minuciosa de toda sua obra em foco, uma vez que ainda há alguns poemas a serem completamente recuperados, procuramos (e procuraremos ainda) apresentar algumas amostras de sua verve, assim como do seu pensamento memorialista. Uma vez que este estudo resulta de uma pesquisa que ainda está nos dando seus primeiros passos, esperamos encontrar, na esfera acadêmica, pesquisadores dispostos a recuperar o(s) tesouro(s) poético(s) esquecido(s) pelo cânone literário.

## REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et alii. **Papel da memória**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Cultura de massa e cultura popular**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- CURRAN, Mark J. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Unesco, 2005.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: autêntica, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LIMA, Rachel Esteves. Literatura e cultura. In: ALVES, Paulo César (org.) **Cultura: múltiplas leituras**. São Paulo: EDUSC: 2010.

LÚCIO, Ana Cristina Marinho (org.). **Teatro infantil e cultura popular**. Campina Grande: Bagagem, 2005.

MOURALIS, Bernard. **As contra-literaturas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. (et al.). **Literatura e música**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Marcelo Medeiros da. **A sacralização do desejo erótico em Pereira dos Santos**. X Colóquio Representações de Gêneros e de Sexualidade. Campina Grande: Realize, 2014.

SOBRINHO, José Alves. **Cantadores, repentistas e poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

STUART-HAMILTON, J. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TELLES, Gilberto Mendonça. **Introdução à crítica histórica**. Revista Tempo Brasileiro, 60, 40- 50. janeiro-março, 1980, p. 40-50.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## ANEXOS



I

Nasci em sessenta e oito  
À vinte e um de Janeiro  
Na fazenda Capoeiras  
Município de Monteiro  
O gado é quem me distrai  
Amo a mãe e pai  
E o meu cavalo Sinjeiro

II

Admiro muito um vaqueiro  
Mais breve estarei formado  
Se Deus quiser vou ser médico  
Ou pro outro advogado  
Mas, mamãe, me compreenda  
Eu adoro uma fazenda  
E um reboiço de gado

Sinto o cheiro da casca da madeira  
No gibão do vaqueiro nordestino

Me criei no sol quente do sertão  
Me ausentei poucos dias pra estudar  
Depois vi que era perdido tentar  
Regressei outra vez à região  
Correr boi, campear, vestir gibão  
Penetrar dentro mato grosso e fino  
Sempre fiz desde o tempo de menino  
E a fazenda foi sempre a Capoeiras  
Sinto o cheiro da casca da madeira  
No gibão do vaqueiro nordestino

Olhei o gado berrando  
Tendo saudade do dono

17 foi o dia  
Que eu tive mais saudade  
Principalmente de tarde  
Minha maior agonia  
Me vali de poesia  
Fiz um verso nem sei como  
Na hora do abandono  
Quando pai iam levando  
Olhei o gado berrando  
Tendo saudade do dono

Cada tijolo que cai  
Aumenta minha saudade

Vejo o alpendre pendendo  
E o curral quase caído  
O mourão apodrecido  
O riacho também sedento  
Eu mesmo já compreendo  
Que tudo está na metade  
Chega um alguém da cidade  
Pergunta “Quede teu pai?”  
Cada tijolo que cai  
Aumenta minha saudade

Vou morrer nas Capoeiras.

Eu não imagino em S. Paulo  
Nem saio de minha ribeira  
Boto brocas, crio gado  
Vivo de vacas leiteiras  
Junto com Junior e com Pedro  
Tá descoberto o segredo  
Vou morrer nas Capoeiras.

O sertão da gente só presta  
Chovendo assim deste jeito

I

Já melhorou cem por cento  
A chuva veio de primeira  
Molhou minha Capoeira  
Acabou o sofrimento  
Parece que foi o vento  
Que soprou tudo direito  
E Deus mandou com respeito  
É um prazer que me resta  
O sertão da gente só presta  
Chovendo assim deste jeito

II

A turma toda pautando  
O capim búfalo surgindo  
A gente começa ouvindo  
O cordunis apitando  
O gado escamechando  
O cavalo meu touro preto  
Ai pergunta um sujeito:  
“O senhor vai lazer festa?”  
O sertão da gente sé presta  
Chovendo assim deste jeito

III

O xexéu canta primeiro  
O campina e o canário  
Anunciando o horário  
De cima de um juazeiro  
E eu de meu travesseiro  
Me acorda satisfeito  
Vendo o sol com seu direito  
Clarear fazendo resta  
O sertão da gente só presta  
Chovendo assim deste jeito

IV

Junior, Vando e Givaldo  
Se acordam de madrugada  
Pisando a terra molhada  
Alegre e muito animado  
Aí chega Leonardo  
Em tudo quer dar um jeito  
Veio dizer hoje no eito  
Vou só até a testa  
O sertão da gente só presta  
Chovendo assim deste jeito

V

A turma toda planta milho  
Vê-se o tinir da inchada  
Juntou-se a rapaziada  
A mãe, o pai e o filho  
Começa surgir o brilho  
Do roçado a cada eito  
Paz união e respeito  
E da família a palestra  
O sertão da gente só presta  
Chovendo assim deste jeito

Monteiro em peso chorou  
Quando o coreto caiu

I

Lá em casa eu ouvi dizendo  
Foi a maior bagaceira  
Uma nuvem de poeira  
Que o chão ficou tremendo  
Todo mundo ficou vendo  
Só que ninguém reagiu  
Eu senti, você sentiu  
Aí me disse um senhor  
Monteiro em peso chorou  
Quando o coreto caiu

II

Pobre de Chico do bar  
Sua mente está sentida  
O seu único meio dia  
Veio alguém só derrubar  
Deus do céu vai lhe ajudar  
Por tudo que ele sentiu  
O seu corpo reagiu  
E vai passar esta dor  
Monteiro em peso chorou  
Quando o coreto caiu

Balanço é quem lhe convida  
Pra ir numa vaquejada

I

Eu vivo ali no açude  
Onde não perdi meu brilho  
Tenho banho e tenho milho  
E tenho gozado saúde  
Peço a Deus que isto não mude  
Mesmo na época caçada  
Vou te dizer camarada  
Parece que vira saída  
Balanço é quem te convida  
Pra ir uma vaquejada

II

Meu dono está em São Paulo  
Peço pra juntar dinheiro  
Não se esqueça de Monteiro  
Quem lhe pede é seu cavalo  
Eu quero mesmo leva-lo  
Para uma festa animada  
Vê você com namorada  
Conceição ou Margarida  
Balanço é quem lhe convida  
Pra ir numa vaquejada

III

Um reboiço de gado  
Uma sanfona tocando  
Um cabra bom aboiando  
Um aboio recantilado  
Um verso improvisado  
Ou, por outro, uma toada  
Uma morena aprumada  
Um adeus por despedida  
Balanço é quem lhe convida  
Pra ir uma vaquejada



Me ajude a sentir saudade  
De dois cavalos que eu tinha

I

Sentado numa calçada  
Para assistir a partida  
Porque toda despedida  
Só traz hora amargurada  
Fiquei sem dizer mais nada  
Porque vi que não convinha  
A sorte negra e mesquinha  
Me tirou toda vontade  
Me deixando só saudade  
De dois cavalos que eu tinha

II

Aí, olhei para um lado  
Quando a dupla passava  
Um olhava, o outro olhava  
Lembrando as festas de gado  
Escrevi do meu passado  
Isto sem sair da linha  
Disse a um camaradinho  
Que também tinha amizade  
Me ajude a sentir saudade  
De dois cavalos que eu tinha

III

Quando os cavalos saíram  
Do coxo para porteira  
Olhei para minha couceira  
Aí as lágrimas caíram  
Meus filhos se reuniram  
Foram chorar na cozinha  
Eu disse a minha velhinha  
Se tu me tens amizade  
Me ajuda a sentir saudade  
De dois cavalos que eu tinha

IV

Perdi a última esperança  
Quando eles viajaram  
Como lembrança deixaram  
Seus retratos por lembrança  
Eu fiquei como criança  
Pedindo a quem ia ou vinha  
Gente de casa ou vizinha  
De minha propriedade  
Me ajude a sentir saudade  
De dois cavalos que eu tinha

V

Num soluço derramado  
Eu olhava pra Ajato  
Bom na pista, bom no mato  
Vaquejava atrás do gado  
Expresso, triste, encostado  
Nesta hora o carro vinha  
Disse a uma comadre minha  
Comadre, por caridade,  
Me ajude a sentir saudade  
De dois cavalos que eu tinha

VI

Foram embora na rodagem  
Da fazenda Capoeiras  
Passaram as últimas porteiras  
E prosseguiram viagem  
O sino bateu mensagem  
Na torre da Capelinha  
Seis horas quem rezava vinha  
Eu pedia, por bondade,  
Me ajude a sentir saudade  
De dois cavalos que eu tinha

VII

De manhã fui a Monteiro  
Quase me embebedo lá  
Recordando Jatobá  
Carnaúba, Marmeleiro  
Zé Paulinho, meu parceiro,  
A mesma dor lhe espezinha  
Roupa dele, sela minha,  
Confiança e liberdade  
É que mais sente saudade  
De dois cavalos que eu tinha

VIII

Disse a Firmo Batista  
Pra quem sempre digo verso  
Que fui o dono da pista  
Com Ajato e com Expresso  
Fiquei sem os meus cavalos  
Errei em negocia-los  
Mas com vontade eu já vinha  
Vendi, matei a vontade  
Só não matei a saudade  
De dois cavalos que eu tinha

A mulher que é nascida no sertão  
Tem o cheiro da folha do alecrim

I

Desconheço quem são meus inimigos  
Com certeza não tenho até agora  
A Jesus agradeço toda hora  
Por livrar-me do mal e dos perigos  
Entre muitas palestras com amigos  
Certa vez um amigo disse a mim  
O meu tema, poeta, eu quero assim  
Atendendo o que diz meu coração  
A mulher que é nascida no sertão  
Tem o cheiro da folha do alecrim

II

É a dona do lar do camponês  
Como mãe ou esposa é exemplar  
Não existe quem tome o seu lugar  
Todo tempo a mulher tem sua vez  
É a rosa mais linda que Deus fez  
E o mundo lhe serve de jardim  
A mulher é começo, meio e fim  
Do projeto de Deus, a conclusão  
A mulher que é nascida no sertão  
Tem o cheiro da folha do alecrim

III

A mulher sertaneja além de bela  
Tem a voz de sereia quando canta  
Na candura e beleza é uma santa  
E o perfume que tem no corpo dela  
Deus tirou de uma flor e botou nela  
Não da folha do pé de gergelim  
Nem da folha do pé de amendoim  
E tão pouco da folha de algodão  
A mulher que é nascida no sertão  
Tem o cheiro da folha do alecrim

E se mulher fosse terra  
Eu só dormia no chão

I

Cada um tem um motivo  
E eu tenho o meu também  
Eu adoro e quero bem  
Eu amo e sou cativo  
E meu maior lenitivo  
Digo isto de coração  
Vendia até meu colchão  
Morava num pé de serra  
E se mulher fosse terra  
Eu só dormia no chão

II

A mulher é uma flor  
Do jardim da natureza  
Eu acho a maior beleza  
Que Jesus Cristo criou  
Quando o homem a olhou  
Sentiu logo uma paixão  
Assim respondeu Adão:  
Por ela eu morro na guerra  
Se mulher fosse terra  
Eu só dormia no chão

Fiquei um cego de guia  
Jogado na solidão

I

Itapemirim ingrato  
Assisti tua saída  
Levando a minha querida  
Me deixando no maltrato  
Como lembrança, um retrato  
Da minha grande ilusão  
E a dor da recordação  
Me aperreia e judia  
Fiquei um cego de guia  
Jogado na solidão

II

Mulher desclassificada  
Por que me maltrata tanto  
Se o amor do homem é santo  
Mas o teu não vale nada  
Se hoje em dia és jogada  
Vagando de mão em mão  
Inda te dava um perdão  
Para te ter outro dia  
Fiquei um cego de guia  
Jogado na solidão

III

Quando em casa, estou sonhando  
Porque nada me acalmava  
Me deitava e me virava  
O tempo todo pensando  
Ouvia ela chamando  
E me pedindo perdão  
Aí mordi o colchão  
No lugar que ela dormia  
Fiquei um cego de guia  
Jogado na solidão

Não há quem sinta saudade  
Do tanto que eu sinto agora

I

Jogado no abandono  
Eu me entreguei ao maltrato  
Me lembro e olho o retrato  
Da mulher que eu já fui dono  
Magino e nem sei como  
Este amor foi embora  
Meu peito suspira e chora  
De vê-la tenho vontade  
Não há quem sinta saudade  
Do tanto que eu sinto agora

II

Ela foi para São Paulo  
E eu fiquei no Monteiro  
Vou virá um cachaceiro  
Roendo e sentindo abalo  
Em seu nome eu sempre falo  
E lamento sua demora  
E vejo que fui caipora  
Igualmente um réu na grade  
Não há quem sinta saudade  
**Do tanto que eu sinto agora**

É este o puro retrato  
De Capoeiras sem Mena

I

Uma carroça quebrada  
Um quarto pegando fogo  
Um homem perdendo um jogo  
E depois dando uma brigada  
Uma roupa mal lavada  
Numa bacia pequena  
A vida de Madalena  
Um menino no maltrato  
É este o puro retrato  
De Capoeiras sem Mena

II

Uma casa mal varrida  
A porta da frente aberta  
E quem chega não desperta  
Na entrada e na saída  
Aquilo não intimida  
“Ô de casa” não ordena  
A comadre sente pena  
Quando alguém quebrou um prato  
É este o puro retrato  
Das Capoeiras sem Mena

III

A televisão ligada  
E no momento fatal  
Alguém muda de canal  
Pra uma novela afamada  
Reginaldo vai pra calçada  
Faz versos com Madalena  
Quem chega e ver esta cena  
Nota em tudo um maltrato  
É este o puro retrato  
Das Capoeiras sem Mena

Eu fumando o cigarro da saudade  
E a fumaça escrevendo o nome dela

I

Tenho estado bastante aperreado  
Nunca mais consegui ter um prazer  
Minha vida tem sido pra sofrer  
Recordando as coisas do passado  
Hoje vejo que o homem apaixonado  
A lembrança é quem mais lhe dismantela  
Hoje em dia só sou seu sentinela  
Tudo isso acredite que é verdade  
Eu fumando o cigarro da saudade  
E a fumaça escrevendo o nome dela

II

Estou certo que ela não me quer  
Mas também não consigo lhe esquecer  
Minha vida tem sido pra sofrer  
Só pensando, acredite se quiser  
Mas lhe peço, na hora que puder  
Volte a ser meu amor, minha donzela  
Sem você minha vida é amarela  
Sem amor, sem carinho ou amizade  
Eu fumando o cigarro da saudade  
E a fumaça escrevendo o nome dela

Por isso sinto saudade  
E canto pra não chorar

Três quartos de minha vida  
Eu considero perdido  
Jamais serei esquecido  
De uma pessoa querida  
Que na hora da partida  
Não me prometeu voltar  
Talvez teja a me olhar  
De lá da eternidade  
Por isso sinto saudade  
E canto pra não chorar



Na capela da fazenda  
Meus pais estão sepultados

I

Verti lágrima sentida  
Quando vi minha mãe morta  
Verdadeira flor da horta  
Do jardim da minha vida  
Fez a última partida  
Para o mundo dos finados  
E os bem-aventurados  
Têm eles como uma prenda  
Na capela da fazenda  
Meus pais estão sepultado

II

Hoje nesta sepultura  
Apenas restam os ossos  
Pois todos os pecados nossos  
Terminam nesta amargura  
Numa cova funda e escura  
Onde se paga os pecados  
Iremos ser perdoados  
Que a vida é só uma lenda  
Na capela da fazenda  
Meus pais estão sepultados

III

Este túmulo é o jazigo  
Onde o pensamento vai  
É morada do meu pai  
O meu verdadeiro amigo  
A catacumba é o abrigo  
Pra os ossos abandonados  
Só restam os nomes gravados  
Na cruz, que serve de agenda  
Na capela da fazenda  
Meus pais estão sepultados

A coruja cantou quando eu cheguei  
No oitão do casebre abandonado

I

Fui ao quarto, o lugar que mãe dormia  
Vi os troços e cama num maltrato  
E na sala avistei o seu retrato  
Junto a pai, que há tempo eu já não via  
O meu peito se encheu de poesia  
Ouvi pai chamando: Reginaldo,  
Venha e fique perto do meu lado,  
Atendi-lhe e me aproximei  
A coruja cantou quando eu cheguei  
No oitão do casebre abandonado

II

Lá no quarto dos arreios vi a cela  
O sapato, a perneira, o gibão  
As esporas, a peia de pé e mão  
Que na época piei muito com ela  
O chocalho com marra de fivela  
O cabresto inda tava ensebado  
Tudo aquilo que eu tinha guardado  
Num local no lugar inda encontrei  
A coruja cantou quando eu cheguei  
No oitão do casebre abandonado

III

Lá na sala de janta eu vi o canto  
Onde pai todo dia se sentava  
E onde mãe toda hora me chamava  
Pra jantar, “Venha cá, meu filho santo”  
No momento avistei em outro canto  
Numa sombra de um pau tava um arado  
Uma enxada e um cabo de um machado  
Que na época com eles trabalhei  
A coruja cantou quando eu cheguei  
No oitão do casebre abandonado

A idade avançada interrompeu  
Os brilhantes ideais de minha vida

I

Eu pensando que ainda era menino  
Nos arroubos de minha mocidade  
No cassino do jogo da idade  
Aluguei uma mesa no cassino  
Com a bola e o taco do destino  
Fui jogar com a idade já vencida  
Mas nas últimas tacadas da partida  
A idade vencida me venceu  
A idade avançada interrompeu  
Os brilhantes ideais de minha vida

II

Consultei a idade bem ligeiro  
Na esperança da mesma me atender  
Quando vi a idade me dizer  
Em um tom sarcástico e grosseiro:  
Sinto muito, meu velho companheiro,  
Tu não podes comer toda comida  
Saia de perto do copo de bebida”  
Foi o ultimo conselho que ela deu  
A idade avançada interrompeu  
Os brilhantes ideais de minha vida

III

Mocidade me deu pra eu gastar  
Terra, casa, fazenda, pasto e gado  
Muita grana, saúde em bom estado  
Carro novo também pra passear  
Na cidade uma casa pra morar  
Bem no centro da praça da avenida  
A velhice chegou arrependida  
Tornou tudo que a mocidade deu  
A idade avançada interrompeu  
Os brilhantes ideais de minha vida

Quem for novo aproveite a mocidade  
Que a velhice é um mal que não tem cura

### I

Eu ouvindo e vendo vocês beber  
E eu sozinho sem assunto adoentado  
Recordando: fiz tudo no passado  
Já bebi, já farei, tive prazer  
Hoje em dia vejo tudo esmorecer  
Se insisto, há uma parada dura  
Eu já vejo minha vista toda escura  
E aos poucos vai passando a vontade  
Quem for novo aproveite a mocidade  
Que a velhice é um mal que não tem cura

### II

Vocês bebem, conversam, tomam cana  
Com amigos, esperando o que vier  
Comentando se esqueceram de mulher  
Um assunto que ainda acho bacana  
Pode ser Mariêta ou Diana  
Sendo fêmea não exijo a criatura  
Para o homem a mulher é escritura  
É amor pra quem tem uma amizade  
Quem for novo aproveite a mocidade  
Que a velhice é um mal que não tem cura

### III

Já fui novo tive amigos, já bebi  
Já amei, namorei, tive amores  
Para mim, o meu mundo foi de flores  
Este mundo, sendo novo, eu conheci  
Passam os anos, mas eu não esqueci  
Dos carinhos daquela criatura  
E por isso num mar de amargura  
Se procuro, não tenho mais idade  
Quem for novo aproveite a mocidade  
Que a velhice a um mal que não tem cura

Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.

### I

Perdi o gosto de tudo  
Não tem mais animação  
Pois esta tal de pressão  
Tá me deixando miúdo  
Como um menino sambudo  
Que não sabe o que é que quer  
Em um terreno qualquer  
Que o destino lhe jogou  
Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.

### II

Depois de tá operado  
Num leito de um hospital  
Passei um momento mau  
Mena tava do meu lado  
Me dizendo, Reginaldo,  
Te animas, cria fé  
Chegando outra mulher  
Disse o senhor melhorou!  
Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.

### III

Disse doutor Leonardo,  
Se você quiser viver,  
Tem de deixar de beber,  
E nunca mais correr gado,  
Não pode pegar pesado,  
Tem de andar muito a pé,  
Deixar de tomar café,  
E perder o que engordou,  
Eu vou devagar, mas vou  
Até quando Deus quiser.

Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente

I

Todo dia, mês e ano  
Nasce o dia e depois morre  
Da mesma maneira ocorre  
Com o frágil ser humano  
Por estar no imenso plano  
Não pode ser diferente  
Se acaba tão lentamente  
Que às vezes nem desconfia  
Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente

II

O dia só aparece  
Quando a noite vai embora  
E a noite surge na hora  
Que o dia desaparece  
Uma criança adoece  
Toda vez que nasce um dente  
Toda vez que uma semente  
Nasce uma planta se cria  
Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente

III

A gente não se conforma  
Por mais esforço que faça  
Cada dia que se passa  
A matéria se reforma  
Cria rugas, sai de forma  
Caduca, fica demente  
Quem for útil e resistente  
Passa a não ter serventia  
Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente

IV

Dentro de casa se oculta  
Passear é proibido  
Quando faz este pedido  
Quem lhe nega ainda insulta  
Só sai pra fazer consulta  
No dia que está doente  
Se por ventura um parente  
Quiser fazer companhia  
Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente

V

A gente não vai pra festa  
Depois que chega a velhice  
Lembrar o que fez ou disse  
É só isso o que nos resta  
Levar sempre a mão a testa  
Toda vez que olhar pra frente  
Quem fez discurso eloquente  
Treme a fala ou balbucia  
Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente

VI

Da aurora a noite escura  
O dia encerra seu curso  
A gente faz um discurso  
Do berço pra sepultura  
Toda vez que o sol pendura  
Sem raios para poente  
O corpo da gente sente  
Que tem mais pouca energia  
Toda vez que morre o dia  
Morre um pedaço da gente